



# PSICANÁLISE, LITERATURA E TEOLOGIA: O DESEJO EM OUTRAS VOZES E OUTRAS ESCRITAS

*Waldecy Tenório*

**DA CLÍNICA DO DESEJO A SUA ESCRITA – INCIDÊNCIAS DO PENSAMENTO PSICANALÍTICO  
NA ESCRITA DE ALGUNS AUTORES DO BRASIL E CARIBE (1918-1990),  
DE WILSON ALVES-BEZERRA, CAMPINAS, MERCADO DE LETRAS, 2012, 352 P.**

A estrutura desse livro de Wilson Alves-Bezerra sugere dois modos de começar a resenha. O primeiro, num viés histórico, começaria dizendo que se trata de um estudo sobre a recepção da psicanálise na América Latina, considerando-se aí dois cenários: o Brasil e o Caribe. O segundo modo, num viés antropológico, confirmaria essa ideia, mas diria que não é só isso, é mais do que isso porque o que o livro mostra, além da história dessa recepção, é muito mais forte: é a mobilização do desejo nas manifestações da cultura em geral e, de maneira mais enfática, na literatura do continente. E acrescento aos dois um terceiro viés, o dos exilados e dos marginais.

Seguindo as marcas que Alves-Bezerra deixa no chão de sua narrativa, a psicanálise chega ao Brasil, primeiro a São Paulo e depois ao Rio, de maneira “lenta, sutil, insidiosa”. Sem o espalhafato com que chegou aos Estados Unidos e que provocou a conhecida *boutade* de Jung: eles não sabem que estamos lhes trazendo a peste. Aqui não, a peste chega assimilada, diz Alves-Bezerra. Sim, mas nem tanto, e basta ver o que acontece quando Franco da Rocha publica *O Pansexualismo na Doutrina de Freud*.

A história, que o próprio Alves-Bezerra recorda, com base em depoimento de Durval Marcondes, discípulo de Franco da Rocha e um dos introdutores da psicanálise no Brasil, é saborosa e tem alto teor de comicidade. Quando o livro saiu, aquele livro cheio de ideias estranhas, a Congregação da Faculdade de Medicina entrou em pânico, todo mundo pensando que Franco da Rocha tinha ficado louco. A narração da visita que Pereira Barreto lhe faz para comprovar sua sanidade mental, ou sua loucura, além de engraçada, é muito esclarecedora da reserva, para não dizer desconfiança, que se tinha então em relação à psicanálise. Transcrevo a parte da narração que Alves-Bezerra destaca:

“Por volta de 1925, num domingo à tarde apareceu da casa dele (Franco da Rocha) o doutor Luiz Pereira Barreto. O doutor Luiz Pereira Barreto era um grande cirurgião, um homem de grande cultura e foi um dos mais destacados próceres do positivismo brasileiro. [...] Franco da Rocha me disse que tinha a impressão de que estava sendo submetido a um interrogatório psiquiátrico. Depois de uma certa conversa, Pereira Barreto levantou-se e disse: Eu vou contar para você o que eu vim fazer aqui. Eu vou voltar agora para a casa de Arnaldo Vieira de Carvalho (que era então diretor da recém-fundada Faculdade de Medicina de São Paulo) onde estão vários colegas e amigos nossos. Estamos reunidos para estudar o seu caso porque consta por aí que você está louco, porque você escreveu um livro absolutamente incompreensível, um livro muito estranho. Eu não acreditei, mas me deram um exemplar para ler e acabada a leitura eu tive que aceitar que você estava mesmo louco. Mas agora, depois dessa conversa, vejo que você não está louco. Eu vou voltar lá para a casa do Arnaldo. Eles estão ansiosos à minha espera. Você pode ficar tranquilo porque você está em perfeita saúde mental”.

Mas, apesar das resistências do velho positivismo, é mesmo pela via médica que a psicanálise chega a São Paulo e, nesse sentido, a contribuição de Franco da Rocha é decisiva para a difusão do pensamento de Freud entre nós. Esse vírus, porém, não fica restrito ao campo médico, e logo se infiltra por todo o corpo da sociedade, contaminando o meio cultural e artístico, sendo o movimento modernista de São Paulo o caso mais exemplar. Até mesmo porque o pensamento de Freud chega a São Paulo vindo da França, e o burguês que não conhece o Brás, porque só conhece Paris, logo se deixa envolver. E quem vamos encontrar no meio da Pauliceia desvairada? Mário de Andrade, quem mais podia ser?

No Rio, aonde a psicanálise chega depois, como vimos, o *script* não varia muito,

**WALDECY TENÓRIO**  
é professor aposentado da PUC/SP, pesquisador da Alalite (Associação Latino-americana de Literatura e Teologia) e autor de *A Bailadora Andaluza, a Explosão do Sagrado na Poesia de João Cabral* (Ateliê/Fapesp).

e Alves-Bezerra fala mesmo em homologia. O começo também se dá pela via médica, e o ponto de partida é a tese de doutoramento de Genseric Aragão de Souza Pinto, *Da Psicanálise (A Sexualidade das Neuroses)*, que deve ter sido a primeira publicação sobre o assunto em terras brasileiras, isso em 1915.

O que acontece no Rio é muito parecido com o que se dá em São Paulo, tanto assim que nesse mesmo ano as duas capitais se unem para a fundação da Associação Brasileira de Psicanálise. Tanto numa quanto na outra cidade o processo começa pela atuação de médicos interessados nas ideias de Freud. Com uma diferença: enquanto em São Paulo a difusão da psicanálise se dá dentro de um certo rigor, ou seja, numa perspectiva de um trabalho clínico e de maior fidelidade a Freud, no Rio, a atuação do médico Gastão Pereira da Silva será mais livre. Como lembra Alves-Bezerra, o ritmo de suas reflexões é o da grande imprensa, e essa postura meio midiática contribuirá para a vulgarização da psicanálise no campo social, sem o rigor da clínica.

De todo modo a leitura apressada dos textos freudianos contribuirá para uma visão um tanto superficial da psicanálise e daí a ironia, a blague, e Nelson Rodrigues poder falar em psicanálise de galinheiro e criar o psicanalista como tipo, assim como fará depois com os padres de passeata e as psicólogas de calcanhar sujo da PUC do Rio.

Alves-Bezerra resgata algumas caricaturas: o psicanalista personagem de *Viúva, Porém Honesta*, Dr. Lupicínio, que não diz nada, só anota e cobra caro; e, outro exemplo, o psicanalista que aparece nas crônicas:

“Um amigo meu que foi aos Estados Unidos informa que lá todo mundo tem o seu psicanalista. O psicanalista tornou-se tão necessário e tão cotidiano como uma namorada. E o sujeito que, por qualquer razão eventual, deixa de vê-lo, de ouvi-lo, de farejá-lo, fica incapacitado para os amores, os negócios e as bandalheiras. Em suma: – antes de um

desses atos gravíssimos, como seja o adultério, o desfalque, o homicídio ou o simples e cordial conto do vigário, a mulher e o homem praticam a sua psicanálise”<sup>1</sup>.

Tem também Freud na boca do túnel do Maracanã:

“Faço minhas as palavras da autoridade: só um Freud explicaria a derrota do Brasil frente à Hungria, do Brasil frente ao Uruguai e, em suma, qualquer derrota do homem brasileiro no futebol ou fora dele”<sup>2</sup>.

Mas há certamente outras leituras, mais preocupadas com o que a peste possa nos trazer de maligno. Uma delas é a de Tristão de Athayde:

“Eu vejo em Freud um Nietzsche sem gênio. [...] E se Nietzsche procurou como tipo de ser humano o extremo superior do indivíduo, Freud procurou o extremo inferior. De modo que podemos dizer de Nietzsche que é o filósofo do super-homem e de Freud que é o psicólogo do infer-homem”<sup>3</sup>.

É a tentação do pensamento autoritário, no caso, o pensamento católico erigido em doutrina. Qualquer outro pensamento tratado dogmaticamente seria igualmente nefasto. Mas não é assim que se pensa, com esse reducionismo hermenêutico, ou simplesmente dizendo como a revista argentina *Idilio* dizia nos anos 40: “A psicanálise te salvará”. Se fosse assim, teríamos de dizer: Freud não aceita a doutrina católica porque é herege. Tristão de Athayde não aceita Freud porque é doido. Os dois não aceitam Marx porque são reacionários. Chega de *odium theologicum*, *odium politicum*, *odium psicanaliticum*. Não é assim que se pensa.

Mas foi assim que se pensou na Martini-ca de Franz Fanon e em Cuba, sobretudo em Cuba, a propósito da psicanálise. Em Cuba preferiu-se obviamente Pavlov a Freud, o que leva Alves-Bezerra a dizer que lá a psicanálise não chegou como peste (Estados Unidos)

1 Nelson Rodrigues, “Freud no Futebol”, in *O Berro Impresso nas Manchetes*, Rio de Janeiro, Agir, 2007, p. 65.

2 Idem, *ibidem*, p. 66.

3 Tristão de Athayde, *Freud*, Rio de Janeiro, Centro D. Vital, 1929, pp. 7-8.

nem de maneira insidiosa (Brasil) porque já chegou morta.

Os elementos arrolados nesse livro comprovam quão forte foi a reação governamental ao pensamento de Freud. Felizmente Pavlov não funcionou como se esperava, o pensamento freudiano acabou ganhando espaço na ilha e, curiosamente, como nota o autor do livro, foi a partir da clínica que se organizou a crítica da resistência à psicanálise no campo social e político da famosa ilha.

## O VIÉS ANTROPOLÓGICO

Mas, além de ser “um mapeamento que considera o histórico”, ou seja, como se deu a chegada da psicanálise ao Brasil e ao Caribe, o livro de Alves-Bezerra tem outro objetivo: interrogar os escritores “em relação à psicanálise, à linguagem e ao desejo”. É nessa parte que o leitor tem um lugar privilegiado ao acompanhar a riqueza do debate entre psicanálise e literatura, percebendo que ele mesmo é a matéria do livro, ele e seu sofrimento, sua angústia, seu desejo.

Essa parte do livro é na verdade um diálogo transversal, uma conversa infinita entre vários escritores, desde os trágicos gregos a Shakespeare. Como não se pode falar de todos, destacarei os quatro que o autor interroga de maneira mais direta dentro do projeto do seu livro. No caso brasileiro ele interroga primeiro um leitor de Freud, o paulista Mário de Andrade, e depois um não leitor, o pernambucano Nelson Rodrigues. No caso do Caribe, o livro interroga outro leitor de Freud, leitor entusiasta, o martinicano Franz Fanon e, a seguir, um leitor não muito ortodoxo, o cubano Severo Sarduy. Mas aparecem também outras vozes no transfundo do debate: Gilberto Freyre, Tristão de Athayde e Renato Viana, do lado brasileiro; Lezama Lima e Reinaldo Arenas, do lado cubano.

O que logo chama a atenção no caso de Mário de Andrade é que, embora valorize em Mário a condição de leitor, Alves-Bezerra o convoca para o debate não por ser um leitor de Freud, mas por ser um desleitor, aquele que faz uma desleitura na trilha aberta por

Harold Bloom. Ora, fazer essa desleitura significa ultrapassar, a partir da leitura, o autor lido e levá-lo mais adiante.

Mário é um leitor aplicado, mas é escritor, não esqueçamos. Sua leitura de Freud não tem necessariamente, nem precisaria ter, o rigor técnico a que seria obrigado se fosse psicanalista. Até porque o seu Freud é francês *et voilà*, como a psicanálise, em qualquer língua, é uma interrogação sobre o desejo, Carlos, o herói de *Amar, Verbo Intransitivo* descobre os encantos da língua alemã, não a do Docteur, a do Doctor Freud.

Cito um trecho que Alves-Bezerra destaca:

“De repente Carlos começou a estudar o alemão. Em 15 dias fez um progresso danado. Quis propor um aumento das horas de estudo, porém, não sabendo bem porque, não propôs. Lhe interessava tudo que era alemão, comprava revistas de Munique. Andava com elas nas ruas e depois vinha depressa entregá-las a Fräulein. [...] Um dia afirmou no jantar que Goethe era muito maior que Camões, maior gênio de todos os tempos”<sup>4</sup>.

Entendido, Carlos. Mas o que Mário de Andrade mostra, nesse trecho do romance, é outra coisa. Carlos não descobre os encantos da língua alemã mas os encantos de Fräulein Elza, a professora de alemão. E, pegando carona numa frase de Alves-Bezerra, o garoto, que resistia a ingressar no novo idioma, agora mal consegue sair dele.

Basta ler esse pequeno diálogo extraído ainda de *Amar, Verbo Intransitivo* e que Alves-Bezerra também cita como exemplo:

“Tem alguma coisa, Fräulein?

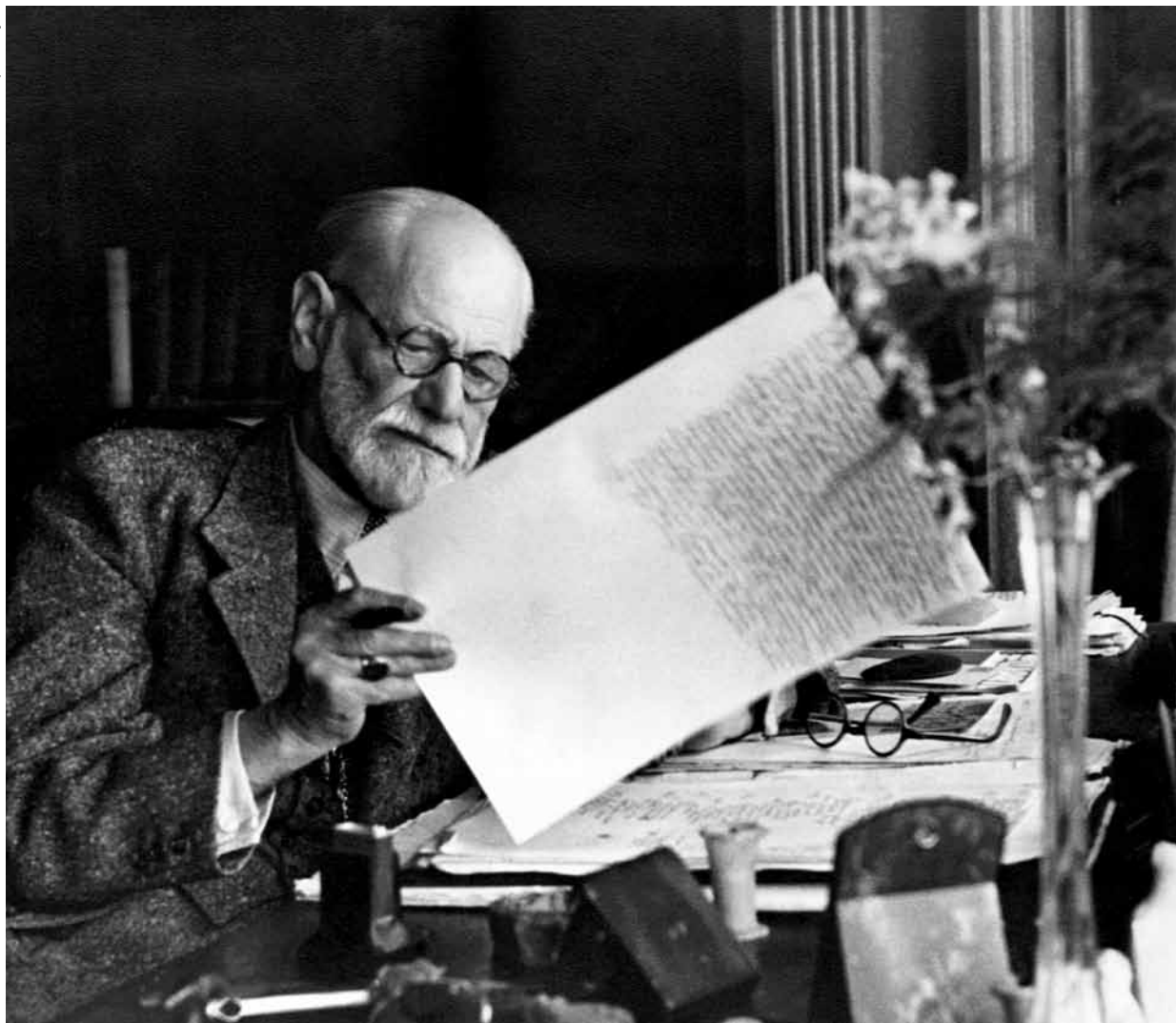
Ela meio que ri:

Não é... (hesita. Afinal conta:) Mas acontece cada uma. Nós hoje encontramos uma palavra na lição... Sabemos como é em português, porém não há meios de lembrar. Parece incrível, palavra tão comum... E nem eu nem Carlos!”<sup>5</sup>.

O que se esconde nessas hesitações, nessas parênteses, nessas reticências ou no esquecimento tem um nome: desejo. É o efeito

4 Mário de Andrade, *Amar, Verbo Intransitivo*, 14ª ed., Belo Horizonte, Itatiaia, 1987, pp. 61-2.

5 Idem, *ibidem*, p. 107.



psicanalítico, o efeito da leitura que Mário faz de Freud. Mas há também o efeito poético do qual diria Umberto Eco ser a capacidade que tem um texto de gerar leituras sempre diversas sem nunca esgotar-se completamente. Por força do efeito poético, Mário de Andrade fala nesse romance do desejo burguês. Mas o que deseja o burguês?

Deixando por enquanto a pergunta no ar, passemos ao segundo escritor que Alves-Bezerra interroga: Nelson Rodrigues. Esse não leu Freud, mas não é por isso que vamos dar-lhe a vaia que ele tanto queria levar no Maracanã. Mesmo porque aqui não se trata do Nelson Rodrigues irreverente que fala em psicanálise de galinheiro e faz caricaturas demolidoras dos psicanalistas. Esse ficou em quarentena na primeira

parte da resenha. O Nelson Rodrigues que agora encontramos é o nosso Dostoiévski.

Os seus títulos continuam e sempre serão provocativos: *Elas Gostam de Apanhar, Bonitinha mas Ordinária, A Cabra Vadia, Toda Nudez Será Castigada, Perdoa-me por me Traíres, A Vida como Ela É*, e tantos outros que a memória deixa escapar. Os títulos são provocativos, os temas são trágicos. Todas as taras, todas as patologias, todas as baixezas passam pelo teatro de Nelson Rodrigues. Para salvar a plateia – é o próprio quem diz – é preciso encher o palco de assassinos, de adúlteros, de insanos e, em suma, de uma rajada de monstros.

Enquanto Aristóteles dá um belo sorriso de aprovação, Nelson Rodrigues tira as consequências do que ele mesmo diz nes-

**Sigmund Freud em seu gabinete de trabalho**

sa passagem que Alves-Bezerra recolhe do “Programa de *Senhora dos Afogados*”:

“Talvez fosse mais lógico que víssemos as peças, não sentados, mas atônitos e de joelhos. Pois o que ocorre no palco é o julgamento do nosso mundo, o nosso próprio julgamento, o julgamento do que pecamos e poderíamos ter pecado. Diante da verdadeira tragédia, o espectador crispa-se na cadeira, como um pobre, um miserando condenado”.

Podemos agora retomar uma ideia do próprio Alves-Bezerra:

“Para chegar à psicanálise em Nelson Rodrigues, como mostrei, é preciso desviar-se das pistas freudistas, dos psicanalistas de galinheiro, do discurso pseudopsicanalizante de alguns personagens, e escutar-lhes o grito. A ponto de ser possível dizer que há, em Nelson Rodrigues, uma poética do grito, onde os personagens de suas peças, suas manchetes e até o óbvio ululam. É preciso, portanto, considerar este grito”.

Mas quem grita assim nesse teatro? O desejo, e o mais forte, o desejo feminino. E aqui poderíamos retomar a sempre retomada pergunta que Freud faz e refaz ao longo de sua obra: o que quer uma mulher? Como essa pergunta, pelo visto, nunca será respondida (Freud poderia ter pedido mais uns trinta anos), passemos ao terceiro escritor que Alves-Bezerra interroga em sua obra.

Frantz Fanon é um caso à parte. Não é um escritor no sentido próprio que entendemos em literatura. Mas há *Les Damnés de la Terre*, e ninguém esquece. Além disso, Fanon é psiquiatra. Freud, Lacan, Jung e Adler são referências constantes em seus escritos. E também Marx, Sartre e o poeta martinicano Aimé Césaire. Como se não bastasse, Fanon viaja. Martinica, Paris, Argélia. Vê de perto o sofrimento dos negros e dos colonizados. Um caso à parte, sem dúvida, e Alves-Bezerra tem suas razões para interrogá-lo.

Ele próprio antecipa-se a qualquer dúvida: “O leitor poderia perguntar-se sobre o

motivo da presença de um psiquiatra entre os literatos aqui enfeixados”. E como sabe que Fanon não publicou nenhuma obra literária, Alves-Bezerra toma emprestado o conceito de texto que Roland Barthes apresenta em *Rumor da Língua* e assim fica mais à vontade para convocá-lo. “Justificar a presença de Fanon nestas páginas” – ele diz – “passa então por uma rearticulação que propõe deslocar o lugar costumeiro do autor para um outro, no qual sua escrita se desestabiliza e cobra um estatuto”.

Esse psiquiatra guerrilheiro se divide entre o divã e o fuzil, a clínica e a revolução, totalmente engajado na luta argelina. Para os que acham estranho esse engajamento, Fanon se explica nesse trecho de *Les Damnés...* que Alves-Bezerra cita:

“Talvez se julguem inoportunas e singularmente deslocadas neste livro estas notas de psiquiatria. Mas nada podemos fazer. Não depende de nós que, nessa guerra, fenômenos psiquiátricos, distúrbios de comportamento e de pensamento tenham tomado importância entre os atores da ‘pacificação’ ou no seio da população ‘pacificada’. A verdade é que a colonização, na sua essência, já se apresentava como uma grande provedora dos hospitais psiquiátricos”.

E, além dos colonizados, há os negros e deles até os sonhos são roubados. Por isso, ao propor a leitura de passagens de *Les Damnés...* e de *Peau Noire, Masques Blancs*, Alves-Bezerra salienta que há nesses textos “uma pergunta agônica, fundamental”. É uma pergunta sobre a relação entre colonizados e colonizadores e sobre a relação entre negros e brancos. Uma pergunta sobre o desejo de uns e de outros: o que querem os colonizados e o que querem os negros. É um desejo político?

## O VIÉS DO EXÍLIO

E, por fim, o último interpelado: Severo Sarduy. Quem é ele? É difícil fazer qualquer afirmação. Onde vive, em Cuba ou refugiado

na Rue de Lîle? Nos dois lugares, na conexão Paris-Caribe. Lá e cá, pelo menos em pensamento. Nasceu em Cuba, todo mundo sabe, mas sua obra é impensável sem a França. Mesmo assim, é em estado de tensão que ele vive sempre. Nele se concentram todos os males da ausência estudados entre nós por Maria José de Queiroz. Fidel é sempre uma sombra, e que sombra! Alves-Bezerra diz o que isso significa:

“A condição de exilado – ou de marginal – parece condizer melhor com a posição de Sarduy. E é nesse lugar – no fora ou à margem – que ele se vale também na composição de seus ensaios. Neles o enunciar-se de fora parece ser fundamental”.

Então podemos agora perguntar: o que deseja esse que é exilado, que está fora, que é marginal? E a pergunta assim formulada funciona como uma síntese de todos os outros desejos: o desejo do burguês, o desejo da mulher, o desejo do negro, o desejo do colonizado. O burguês quer a solidez de sua situação na sociedade, o negro quer ser reconhecido, a mulher simplesmente deseja (?), o colonizado quer ser senhor do seu destino, o exilado quer voltar. É o bastante? Resolve o problema?

Alves-Bezerra cita Ferrater Mora para lembrar os “ecos metafísicos” presentes na ideia de desejo apresentada por Schopenhauer. Pois é assim, com a única exceção de Esteves, o dono da tabacaria de Fernando Pessoa, ninguém escapa à metafísica, nem mesmo esses filósofos tão conspícuos. É que somos marcados por essa doença de querer ir sempre além, e o Dostoiévski de *O Idiota* sabe que somos devorados por uma sede febril.

O burguês de Mário de Andrade vai se contentar então com o saldo médio da conta bancária? E a mulher de Nelson Rodrigues também quer assim tão pouco? O negro e o colonizado querem apenas a inclusão social das burocracias governamentais? Ou todos nós estamos no exílio com Sarduy, vivendo o mal-estar da civilização e desejando outra coisa? O quê? Quem sabe, mas Nietzsche diz

num poema que todo desejo procura profundamente a eternidade. Estaria ele evocando o *cor inquietum* de Santo Agostinho?

A coisa se complexifica, admite Alves-Bezerra logo na introdução do seu livro:

“Como veremos, ao longo das páginas que se seguem, a coisa se complexifica. Mais do que postular uma resposta a cada uma das perguntas ouvidas, cabe ver como se sustenta (ou não) o desejo na escrita. Escutar as vozes, atentar às escritas e ao que elas detonam é o objetivo das páginas a seguir”.

Assim ele ouve os escritores para saber o que dizem sobre o desejo. Somos então testemunhas de uma conversa fecunda e enriquecedora entre a psicanálise e a literatura. Ao mesmo tempo, no aqui e ali de suas páginas, Alves-Bezerra menciona a religião. Retomo agora esse tema não para falar da religião como curandeirismo, superstição, dogma, doutrina, mas da religião como o reavivamento de uma ferida, na linha de Gianni Vattimo. Ou para falar da religião como grito, conforme o entendimento de Merleau-Ponty.

Por isso mesmo, depois de ler o excelente livro de Alves-Bezerra, fico perguntando a mim mesmo por que não prolongar a conversa de Freud com Pfister? Por que não ir ao mais fundo de nossas *fomes amorosas* em busca de uma metafórica *Dona Ausente* como representação do não representável de que somos irremediavelmente nostálgicos?

O sentimento oceânico nada tem a ver com as tenebrosas teologias do poder. A essas a gente diz: “*Vade retro*”, com água-benta e tudo, e sai de perto. Mas há uma teologia, como lembra Walter Benjamin, que sabe que os nossos discursos são todos provisórios e todos parciais. Proponho por isso (é um desejo, mas só conto esse) que o debate entre a psicanálise e a literatura seja ampliado para convocar essa teologia. A dança ficará mais bonita, a coreografia mais rica com essa nova parceira, também ela entendida em pecados e desejos e nos mistérios do ser.